

GEORGE  
ORWELL  
HISTÓRIA DE  
UM HOMEM  
COMUM

Introdução, tradução do inglês e notas  
JACINTA MARIA MATOS





## PRIMEIRA PARTE

### 1

Por acaso, a ideia surgiu-me no dia em que fui buscar a dentadura postiça.

Lembro-me bem dessa manhã. Saltei da cama às oito menos um quarto, mesmo a tempo de entrar no quarto de banho e fechar a porta na cara dos miúdos. Era uma manhã horrenda de Janeiro, com um céu fosco, cinzento-amarelado. Da janelinha do quarto de banho, vêem-se lá em baixo os cinco metros quadrados por dez de relva com uma sebe à volta e uma pelada no centro a que chamamos quintal, um quintal igual a todos os outros quintais, com a mesma sebe e a mesma relva, existentes nas traseiras de todas as casas de Ellesmere Road. A única diferença é que onde não há miúdos não há peladas no relvado.

Estava a tentar fazer a barba com uma navalha já um tanto romba, enquanto a banheira enchia. A minha cara olhava para mim lá do espelho, e, por baixo, na prateleira por cima do lavatório, estava um copo de água com os dentes que pertenciam à cara. Era uma dentadura provisória, que Warner, o dentista, me tinha arranjado até a definitiva estar pronta. A minha cara, diga-se de passagem, nem é assim tão má. É uma daquelas





GEORGE ORWELL

caras vermelhuscas, cor de tijolo, que ligam bem com o cabelo loiro amanteigado e os olhos azuis-claros. Ainda não estou calvo nem tenho cabelos brancos, graças a deus, e quando tiver os dentes postos provavelmente ninguém me dá a minha idade, quarenta e cinco anos.

Fiz um apontamento mental para me lembrar de comprar lâminas de barbear, entrei no banho e comecei a ensaboar-me. Ensaboei os braços (tenho daqueles braços roliços com sardas até aos cotovelos) e peguei na escova de cabo para ensaboar as omoplatas, a que de outra maneira não consigo chegar. É uma chatice, mas hoje em dia não consigo chegar a várias partes do corpo. Para dizer a verdade, tenho uma certa tendência para engordar. Não que seja atracção de feira, com os meus noventa quilos e cento e dezoito ou cento e vinte (já não me lembro bem) centímetros de cintura. E não sou o que se diz «repulsivamente» gordo, nem tenho daquelas barrigas descaídas até aos joelhos. Sou simplesmente um pouco entroncado, com o peito do feitio de um tonel. Sabem aquelas pessoas muito activas, o gorducho bem-disposto de tipo atlético e vivaço, a quem dão a alcunha de Bolinhas ou Bucha, e que é sempre o animador das festas? Eu sou desse tipo. Bucha é o que normalmente me chamam. George Bowling é o meu nome verdadeiro.

Mas naquele momento não me sentia como o grande animador da festa. Parece que hoje em dia acordo sempre maldisposto, embora durma bem e tenha boas digestões. Eu sabia o que era – aqueles malditos dentes postiços, ampliados pela água do copo, rindo-se para mim com o esgar de uma caveira. É horrível sentir as gengivas a bater uma na outra, chupadas e mirradas, como se tivéssemos trincado uma maçã azeda. E depois, diga-se o que se disser, os dentes postiços são um marco. Quando se perde o último dos nossos dentes, acabou de vez o tempo em que nos podemos iludir que somos um *sheik* de Hollywood. E eu sou gordo e tenho quarenta e cinco anos. Levantei-me para ensaboar a virilha e olhei para a minha figura. O que se diz sobre os gordos não conseguirem ver os pés é um disparate, mas a verdade é que quando me endireito só vejo a parte da frente dos





## HISTÓRIA DE UM HOMEM COMUM

meus. Nenhuma mulher olha para nós duas vezes a não ser que lhe paguem. Não que eu quisesse naquele momento que uma mulher olhasse para mim duas vezes.

Lembrei-me de repente que logo hoje tinha boas razões para estar mais bem-disposto. Para começar, não ia trabalhar. A minha carripana, com a qual «cubro» a área que me compete (devo dizer que sou angariador de seguros. A Salamandra Voadora: seguros de vida, contra incêndio e roubo, nascimento de gémeos, naufrágios – tudo) estava temporariamente no estaleiro e embora tivesse de ir deixar uns papéis na sede, em Londres, tinha tirado o dia para ir buscar a dentadura. E depois, havia outra coisa que me bailava na mente há algum tempo. Eu tinha no bolso dezassete libras das quais mais ninguém sabia – ninguém da família, é bom de ver. Foi assim: um dos colegas do emprego, de nome Mellors, tinha arranjado um livro chamado *A Astrologia Aplicada às Corridas de Cavalo*, que provava que é tudo uma questão da influência dos planetas nas cores usadas pelo *jockey*. Bem, numa corrida qualquer havia uma égua chamada *A Noiva do Corsário*, uma desconhecida e com poucas chances de ganhar, mas a cor do *jockey* era o verde, pelos vistos a cor dos planetas em ascensão. O Mellors, que acredita piamente nesta coisa da astrologia, ia apostar umas libras no cavalo e pediu-me encarecidamente para apostar também. Acabei por concordar e apostar dez xelins<sup>(1)</sup> só para o calar, porque normalmente não sou homem de apostas. E não é que *A Noiva do Corsário* chega em primeiro lugar e nas calmas? Já não me lembro bem das contas, mas o que me coube foram as tais dezassete libras. Instintivamente – um tanto estranho e se calhar outro marco na minha vida – pus o dinheiro no

---

(<sup>1</sup>) Convém talvez explicar o sistema monetário inglês antigo e justificar a sua tradução. As moedas inglesas antes do sistema decimal adoptado em 1973 tinham o seguinte valor: 1£ = 20 *shillings*; 1 *shilling* = 12 *pence* (*penny* no singular); 1 *h'apenny* = 1/2 *penny*; 1 *farthing* = 1/4 *penny*; *half a crown* = 2 *shillings* e 6 *pence*. Assim, não havendo correspondência directa com o sistema monetário português (antigo ou moderno), traduziremos um tanto livremente: £ = libra; *shilling* = xelim; *penny* = centavo; *farthing* = tostão; *half a crown* = meia coroa. [Todas as notas de rodapé são da autoria da tradutora]





GEORGE ORWELL

banco sorratamente e não disse nada a ninguém. Nunca tinha feito uma coisa destas. Um bom pai e marido teria comprado um vestido novo para a Hilda (a minha mulher) e botas para os miúdos. Mas há quinze anos que eu era bom marido e bom pai, e estava a começar a ficar farto disso tudo.

Depois de me ter ensaboado todo senti-me melhor e reclinei-me na banheira a pensar nas minhas dezassete libras e no que ia fazer com elas. As alternativas, parecia-me, eram um fim de semana com uma mulher ou gastar tudo aos poucos e sem dar nas vistas, em coisas como cigarros ou uísques duplos. Tinha acabado de pôr mais água quente na banheira, enquanto pensava em mulheres e uísque, quando se ouviu um estrondo como uma manada de búfalos a descer os degraus que dão para o quarto de banho. Os miúdos, claro. Duas crianças numa casa do tamanho da nossa é como tentar enfiar um galão de cerveja numa caneca de quartilho. Um bater de pés frenético e depois um grito de agonia.

— Papá, quero entrar!

— Mas não podes. Desanda!

— Mas, papá, preciso de ir!

— Então vai a outro lado. Pira-te e deixa-me tomar banho.

— Papá, eu preciso *mesmo* de ir!

Não servia de nada. Conheço bem os sinais de alerta. A sanita está dentro do quarto de banho, claro, numa casa como a nossa<sup>(?)</sup>. Esvaziei a banheira e sequei-me o mais depressa que pude. Quando abri a porta, o Billy – o meu mais novo, de sete anos – entrou de rompante, esgueirando-se a um tabefe na cabeça. Só quando já estava quase vestido e à procura da gravata é que dei conta de que ainda tinha sabão no pescoço.

É uma coisa horrível ter sabão no pescoço. Sentimo-nos sujos e pegajosos e o curioso é que, por mais que se lave, a sensação continua durante todo o dia. Desci as escadas de mau humor e pronto a arranjar discussão.

---

(?) Tradicionalmente, nas casas mais abastadas a sanita estava separada do quarto de banho com banheira.



A nossa sala de jantar, como todas as salas de jantar em Ellesmere Road, é acanhada, aí uns quatro metros por três e meio ou três por dois e meio e o aparador japonês de carvalho, com os dois decantadores de vidro e o oveiro de prata que a mãe da Hilda nos deu de presente de casamento, não deixa muito espaço livre. A Hilda, lúgubre como sempre atrás da chaleira, no seu habitual estado de alerta e ansiedade porque o jornal anunciara a subida do preço da manteiga ou qualquer coisa do género. Não tinha acendido o aquecedor a gás e, embora as janelas estivessem fechadas, a sala estava gelada. Baixei-me para acender o lume, a bufar (quando me baixo fico sempre ofegante e a arfar), numa espécie de indirecta para a Hilda. Ela lançou-me um daqueles olhares de esquelha como quando faço uma extravagância.

A Hilda tem trinta e nove anos e quando a conheci tinha cara de lebre. E ainda tem, mas emagreceu e mirrou, sempre com um olhar tristonho e preocupado, e quando está ainda mais irritada do que o costume tem o trejeito de curvar os ombros e cruzar as mãos no peito como uma cigana velha por cima da fogueira. A Hilda é uma daquelas pessoas que tiram grande prazer da vida prevendo desgraças. Desgraças insignificantes, claro. Guerras, tremores de terra, pragas, fomes e revoluções não lhe interessam nada. A manteiga está mais cara, a conta do gás é enorme, as botas dos miúdos estão a cair aos bocados, vem aí a prestação do rádio – é esta a litania dela. Acabei por perceber que tem imenso gozo em balançar-se para a frente e para trás, de mãos cruzadas no peito, com cara de caso: «Mas George, isto é muito sério! Não sei o que vamos *fazer!* Não sei de onde há-de vir o dinheiro! Tu parece que não percebes que isto é *muito* sério!», e por aí adiante. Meteu-se-lhe na cabeça que vamos acabar num asilo de pobres. O mais engraçado é que se acabássemos no asilo, a Hilda importar-se-ia muito menos do que eu e se calhar até gostava da sensação de segurança.

Os miúdos já estavam cá em baixo, tendo-se lavado e vestido em tempo recorde, como fazem sempre quando não estão a impedir ninguém de entrar no quarto de banho. Quando cheguei à mesa do pequeno-almoço, estavam na habitual discussão



GEORGE ORWELL

do «Ai isso é que fizeste!», «Não fiz, não senhor!», «Ai isso é que fizeste!», «Não fiz, não senhor!», que ia continuar toda a manhã se eu não os tivesse mandado calar. Só tenho dois filhos, Billy, de sete anos, e Lorna, de onze. Tenho um sentimento esquisito para com os meus filhos. A maior parte do tempo nem os posso ver à frente e acho as conversas deles insuportáveis. Estão naquela fase em que a cabeça funciona à volta de coisas muito corriqueiras como réguas, estojos e quem é que tirou a melhor nota a francês. Mas outras vezes, sobretudo quando estão a dormir, sinto algo diferente. Naqueles fins de tarde de Verão, quando ainda há luz do dia, já dei comigo ao lado da cama a olhar para eles enquanto dormiam, caras redondinhas e cabelo cor de linho, muito mais claro do que o meu, e bateu-me aquela sensação de que fala a Bíblia sobre as entranhas que se lhe enterneceram<sup>(3)</sup>. Nestas alturas, penso que sou apenas uma semente seca que não vale um chavo, e que a única coisa importante foi ter trazido ao mundo estas duas criaturas e alimentá-las enquanto crescem. Mas isto é só de vez em quando. Na maior parte do tempo, prezo muito a minha existência separada, estou aqui para as curvas e ainda tenho muito para gozar, e a ideia de ser uma dócil vaca leiteira, enxotada para trás e para a frente por mulheres e filhos, não me agrada nada.

Não falámos muito ao pequeno-almoço. A Hilda estava numa de «Não sei o que é que *vamos fazer!*», em parte por causa do preço da manteiga, em parte porque as férias do Natal estavam a acabar e ainda devíamos cinco libras das propinas do período anterior. Eu comi o meu ovo cozido e a minha torrada com compota de laranja. A Hilda insiste em comprar aquilo, que só custa uns cinco xelins ao quilo e tem um rótulo que diz, na letrinha mais pequena permitida por lei, que o produto contém «uma certa proporção de sumo de fruta neutro». Foi o suficiente

---

<sup>(3)</sup> Ver na Bíblia o episódio conhecido como «A Justiça de Salomão», Terceiro Livro dos Reis, 3:26: «Mas a mulher, cujo filho estava vivo, disse ao rei (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho): «Senhor meu, peço-te que lhe dês a ela o menino vivo, e não o mates.»»





## HISTÓRIA DE UM HOMEM COMUM

para eu começar a mandar vir, naquele modo irritante que às vezes tenho, e perguntar o que era isso de sumo de fruta neutro, que aspecto tem tal fruta e que países a cultivam, até que finalmente a Hilda perdeu a paciência. Não é que ela se importe que eu a atazane, só que acha vagamente errado brincar com tudo o que é poupança.

Dei uma vista de olhos pelo jornal, mas não havia grandes novidades. Lá pelas Espanhas e as Chinas andavam a matar-se uns aos outros como de costume, as pernas de uma mulher tinham aparecido na sala de espera de uma estação e o casamento do Rei Zog estava por um fio<sup>(4)</sup>. Finalmente, por volta das dez horas, bastante mais cedo do que tencionara, saí para a cidade. Os miúdos tinham ido brincar para o jardim público. Estava uma manhã horrenda. Ao sair, uma rabanada de vento apanhou-me no pescoço ainda ensaboado e de repente senti-me como se a roupa não me servisse bem e estivesse todo pegajoso.



## 2



Conhecem a rua onde moro – Ellesmere Road, em West Bletchley? Se não conhecerem, conhecem dezenas de outras como ela.

Como sabem, ruas como estas infestam as zonas suburbanas. Todas iguais. Filas e filas de pequenas vivendas geminadas – os números da minha rua chegam ao 212 e a minha casa é o 191 – tão parecidas umas com as outras como as de um bairro social e, em geral, ainda mais feias. A frontaria estucada, o portão embebido em creosote, a sebe bem aparada, a porta da frente pintada de verde. Nomes como A Casa dos Loureiros, ou das Murtas, ou dos Pilriteiros, O Meu Abrigo, O Meu Repouso, A Bela Vista.

---

<sup>(4)</sup> O Rei Zog foi o primeiro governante da Albânia independente, reinando entre 1928 e 1939. O seu casamento em 1938 foi manchete dos jornais, em parte pela presença de Mussolini, que um ano depois invadiu a Albânia e forçou a família real a fugir para o exílio.





GEORGE ORWELL

Em cada cem há uma onde um tipo anti-social que de certeza vai acabar no asilo pintou a porta de azul em vez de verde.

Aquela sensação pegajosa no pescoço tinha-me desmoralizado. É curioso como um pescoço peganhento nos deita abaixo e nos tira logo a pica, como quando de repente descobrimos em público que a sola do sapato está descolada. Naquela manhã, não tinha ilusões sobre a minha pessoa. Era quase como se estivesse de longe a olhar para mim a descer a rua, cara balofa e avermelhada, dentes postiços e roupas baratas. Um tipo como eu nunca se confunde com um *gentleman*. Mesmo a duzentos metros de distância é fácil perceber que eu sou – talvez não empregado dos seguros, mas um vendedor ou caixeiro-viajante. A minha roupa era praticamente o uniforme da tribo. Fato cinzento com padrão de espinha, um tanto surrado, sobretudo azul de cinquenta xelins, chapéu de coco e nada de luvas. E tenho aquele ar grosseiro e descarado de quem vende à comissão. Nos meus melhores momentos, quanto estou de fato novo e a fumar charuto, podia passar por um corretor de apostas ou por dono de um *pub*, nos piores andaria a vender aspiradores de porta em porta, mas normalmente é fácil situar-me no lugar certo. «Entre as cinco e as dez libras por semana», diriam de imediato. Em termos económicos e sociais estou dentro da média de Ellesmere Road.

Tinha praticamente a rua toda por minha conta. Os homens tinham debandado no autocarro das 08h21, as mulheres entretinham-se à roda do fogão. Quando há tempo para olhar em volta e se estivermos de feição, dá vontade de rir cá para dentro ao pensar na vida de quem mora nos subúrbios. Afinal de contas, o que é uma rua como Ellesmere Road? Uma prisão com filas e filas de celas, câmaras de tortura geminadas onde os pobres coitados das «cinco a dez libras por semana» tremem e estremezem, com o patrão a puxar-lhes o rabo, a bruxa da mulher a sufocá-los como num pesadelo e os filhos a sugar-lhes o sangue como sanguessugas. Fala-se muito do sofrimento dos proletas, mas eu não tenho pena deles. Alguém conhece um trolha que não consiga dormir a pensar que o põem na rua? O proletário sofre fisicamente, mas fora do trabalho é um



homem livre, ao passo que em todas aquelas caixinhas estucadas há um pobre diabo que *nunca* é livre, a não ser quando está ferrado no sono a sonhar com o patrão no fundo de um poço e ele a atirar-lhe pedregulhos de carvão.

Claro que o problema de pessoas como nós, dizia eu com os meus botões, é que achamos que temos alguma coisa a perder. Para começar, noventa por cento das pessoas em Ellesmere Road têm a ilusão de que são donas das suas casas. Ellesmere Road e todo o quarteirão à volta, até à rua principal, fazem parte de uma vigarice enorme que dá pelo nome de Urbanização das Hespérides, pertencente a uma sociedade imobiliária chamada Crédito Certo. As sociedades imobiliárias são provavelmente uma das maiores trifulhices do nosso tempo. Convenhamos que a minha actividade, os seguros, também é um embuste, mas pelo menos funciona às claras e com as cartas todas em cima da mesa. Mas o melhor das sociedades imobiliárias é que as vítimas acham que lhe estão a fazer um favor. Levam uma coça, mas ainda lambem a mão de quem as sova. Às vezes penso que gostava de ver a Urbanização das Hespérides encimada por uma estátua enorme ao deus das sociedades imobiliárias. Seria um deus esquisito, entre outras coisas bissexual. A parte superior um gerente de uma firma e a parte inferior uma mulher casada à espera de bebé. Numa mão teria uma chave enorme – a chave do asilo, claro – e na outra – o que é que chamam àquela espécie de trompete de onde saem presentes? – uma cornucópia, a deitar cá para fora rádios portáteis, seguros de vida, dentes postiços, aspirinas, camisinhas e cortadores de relva.

Por acaso, em Ellesmere Road ninguém é dono da sua casa, mesmo quando acaba de a pagar, porque o contrato é de locação e não de venda. As casas estão avaliadas em cinco mil e quinhentas libras, pagáveis por um período de dezasseis anos, mas são o tipo de casa que, se fosse paga a pronto, custava três mil e oitocentas. Só isso já representa um lucro de mil e setecentos para o Crédito Certo, mas é bom de ver que a firma ganha ainda mais do que isso. Três mil e oitocentas inclui a margem do construtor, mas o Crédito Certo, sob o nome de Wilson & Bloom, também constrói



GEORGE ORWELL

as casas, arrecadando assim o lucro da construção. Só tem de pagar os materiais. Mas também arrecada o lucro destes, porque, com o nome de Brookes & Scatterby, também vende a si próprio os tijolos, azulejos, portas, caixilhos de janelas, areia, cimento e até o vidro, acho eu. E não me admiraria que, sob outro pseudónimo, também vendesse a si mesmo a madeira usada nas portas e janelas. E mais – algo que devíamos ter previsto, mas foi um choque quando aconteceu – o Crédito Certo nem sempre cumpre com a palavra. Quando Ellesmere Road foi construída, à volta só havia campos – nada de extraordinário, mas bons para as crianças brincarem – conhecidos como Platt's Meadows. Não ficou nada por escrito, mas o entendimento era que Platt's Meadows não seria urbanizado. No entanto, West Bletchley era um subúrbio em expansão, a fábrica de compota Rothwell tinha aberto em 1928 um consórcio anglo-americano que produzia bicicletas de aço desde 1933, a população aumentava e as rendas estavam a subir. Não conheço pessoalmente Sir Herbert Crum, nem nenhum dos outros chefões do Crédito Certo, mas é fácil imaginá-los a salivar por antecipação. De repente chegaram os operários e as casas começaram a erguer-se em Platt's Meadows. A Hespérides soltou um grito lancinante e criou uma associação de moradores. Não serviu de nada! Os advogados de Crum demoliram-nos em cinco minutos e Platt's Meadows foi urbanizado. Mas a trafulhice verdadeiramente subtil, que me leva a pensar que Crum mereceu a honra de baronete, é mental. Só porque vivemos na ilusão de que somos donos das casas, e, portanto, também somos donos de uma «quota-parte» do país, nós, os pobres diabos da Hespérides e de lugares como este, passámos a ser escravos fiéis de Crum para todo o sempre. Somos todos respeitáveis proprietários – quer dizer, conservadores, sabujos e lambe-botas. Que ninguém se atreva a matar a galinha dos ovos de ouro! E o facto de na verdade não sermos donos de nada e estarmos a meio de pagar a casa, consumidos pelo medo de que haja alguma desgraça antes do último pagamento, só aumenta o efeito disto. Fomos comprados e o que é pior é que fomos comprados com o nosso próprio dinheiro. Cada um desses coitados que se esmifram para



pagar o dobro do valor de uma daquelas casinhas de bonecas, chamada Bela Vista porque nem é bela, nem tem vista nenhuma, cada um deles morreria no campo de batalha para salvar a pátria do bolchevismo.

Virei em Walpole Road e entrei na rua principal. Há comboio para Londres às 10h14. Ia a passar pela loja dos trezentos quando me lembrei do apontamento mental para comprar lâminas de barbear. Quando me aproximei do balcão, ouvi o chefe de secção ou lá o que ele era a insultar a empregada de balcão. Normalmente não há muitos clientes na loja dos trezentos àquela hora. Às vezes entra-se logo depois de a loja abrir e vemos as empregadas todas em fila a aturarem o insulto matinal só para as meterem na ordem para o resto do dia. Dizem que os grandes armazéns têm tipos com um talento especial para o sarcasmo e o abuso, que andam de loja em loja a espevitarem as empregadas. O chefe era um sujeito feio e enfezado, com ombros quadrados e um bigode grisalho e espetado. Tinha-lhe caído em cima por causa de uma coisa qualquer, um erro no troco, certamente, e a descascadela era numa voz que parecia uma serra eléctrica.

— Ah, pois não! Claro que não podias contar! Pois claro que não! Isso dava muito trabalho! Pois claro!

Antes de dar por mim já tinha olhado a rapariga nos olhos. Não era muito simpático ter um gordo de meia-idade e cara vermelhusca a assistir ao raspanete. Virei-me o mais depressa que pude e fingi estar interessado numa coisa do outro balcão, argolas para cortinados ou lá o que era. O homem voltou à carga. Era uma daquelas pessoas que de repente dão a volta e vêm contra nós como uma libélula.

— Claro que não podias fazer as contas! O que te importa a ti se faltam dois xelins? Não importa nada. O que são dois xelins? Não se te pode pedir que contes com cuidado. Não pensas nos outros, pois não?

Isto durou uns cinco minutos num tom de voz que se ouvia em toda a loja. O homem virava as costas para ela pensar que tinha acabado e depois arremetia de novo. Ao afastar-me deitei um olhar de relance aos dois. A rapariga era uma miúda de uns